

Juventudes, Raça e Vulnerabilidades

*

Maria Dirce Gomes Pinho
CEBRAP – Fala Preta!/Org. Mulheres Negras/SP

Elza Berquó
CEBRAP – CNPD – UNICAMP/NEPO

Fernanda Lopes
CEBRAP – Faculdade de Saúde Pública da USP

Kelly Adriano Oliveira
CEBRAP

Luís Carlos de Araújo Lima
CEBRAP – Universidade Bandeirantes/SP

Noeli Pereira
CEBRAP – Fundação Seade

Palavras-chave: uso de preservativo, juventudes, raça, vulnerabilidades.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, existe cerca de 31 milhões de jovens entre 16 e 24 anos, o que representa 18% da população total do país (IBGE, 2002). Destes jovens, muitos não têm acesso a informações e serviços adequados ao atendimento à sexualidade e a saúde reprodutiva que os estimulem a tomar decisões de maneira livre e responsável.

A epidemia de HIV/AIDS é hoje um dos mais graves problemas de saúde pública. De 1980 a setembro de 2001 foram registrados 222.356 casos de Aids no país, destes 13% correspondem a jovens de 16 a 24 anos. Entre indivíduos com 19 anos ou mais, 74,1% são homens e 25,9% mulheres (MS, 2001). Muitos estudos vêm sublinhando que a maior vulnerabilidade dos jovens tanto à infecção por DST/HIV quanto à gravidez indesejada tem guardado uma relação complexa com a limitação das opções de lazer e cultura, do acesso aos equipamentos sociais incluindo serviços de saúde e educação, das oportunidades ocupacionais e de rendimento (Ayres e col, 1998; BENFAM, 1999; Szwarcwald e col., 2000).

* Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

A existência dessa complexa rede de fatores estruturais e comportamentais além de influenciar o exercício pleno e responsável em relação à sexualidade e reprodução tem como consequência a maior exposição à violência doméstica, sobretudo abuso sexual (Seixas, 1999). As mortes na faixa etária entre 15 e 24 anos apresentam maior concentração na categoria de óbitos por violência conjunta, ou seja, os jovens dessa faixa etária morrem mais por causas decorrentes de homicídios, agressões e acidentes de trânsito (Castro, 2001)

Por outro lado, é notada a ausência de espaços de lazer, esporte e cultura, voltados para população jovem, especialmente os mais pobres, que ofereçam alternativas para que os jovens ocupem seu tempo livre de modo produtivo, fazendo o que gostam, já que boa parcela, nessa faixa etária não está trabalhando, nem estudando. (Castro, 2001). Em condições sociais e culturais adversas, a maioria dos jovens é vítima de um processo acentuado de exclusão, o que os torna mais vulneráveis.

Próprias da juventude, as inquietações diante das expectativas de convívio para além da família, de constituir-se como pessoa autônoma, consciente dos direitos e deveres, a necessidade de construir uma identidade positiva e de exercer a sexualidade de forma responsável e livre de coerção, são alguns dos desafios adicionais a serem enfrentados por aqueles que se responsabilizam pela formação desses jovens.

Conforme apontado na pesquisa Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/AIDS, a vida sexual dos jovens inicia-se cada vez mais cedo: em 1998, 61% dos jovens entre 16 e 19 anos já haviam tido relações sexuais, sendo que desses, 40,2% tiveram pela primeira vez, antes do 15 anos (46,7% dos homens e 32,3% das jovens). Em 1984, a proporção daqueles que iniciaram a vida sexual antes dos 15 anos foi de 35,2% para os rapazes e 13,6% para as moças. A mesma pesquisa mostra que os jovens tendem a utilizar mais o preservativo nas relações sexuais que os adultos (MS, 2000). Ainda assim, a maior adesão ao uso do preservativo por parte dos jovens, não tem se mostrado consistente, na medida em que esta parcela da população vem apresentando aumento nas taxas de fecundidade e incidência do HIV/AIDS.

A ausência, até o momento, do recorte racial/étnico nas estatísticas oficiais sobre a epidemia do HIV/AIDS dificulta o conhecimento do processo de expansão da epidemia neste segmento populacional, mas se entendermos a idéia de vulnerabilidade

como uma impossibilidade de exercício de cidadania, os jovens negros, enfrentam problemas de acesso aos serviços em todos os níveis já que, visto sob essa perspectiva, apresentam características sociais e culturais que os tornam mais vulneráveis.

A falta de acesso aos bens sociais e a influência de fatores psicossociais, biológicos, estruturais e culturais determinam as condições de vida e de saúde individual e/ou coletiva. Entendendo que vulnerabilidade é o conjunto de aspectos individuais e coletivos relacionados ao grau e modo de exposição ao HIV ou adoecimento por aids e, de modo indissociável, ao maior ou menor acesso a recursos adequados para se proteger de ambos (Ayres, 2002) é, pois essencial que os estudos de populações vulneráveis aos agravos em saúde incorporem o recorte racial/étnico.

Os jovens negros notadamente são aqueles especialmente incluídos entre os desiguais. São eles que ocupam os piores níveis de escolaridade, apresentam as maiores dificuldades para ingresso no mercado de trabalho e, no momento em que se inserem, são aqueles que ocupam as mais desvalorizadas funções. São aqueles que, por sua irreverência, vestimenta ou linguajar são prioritariamente discriminados nos serviços de saúde.

Todas essas questões e a necessidade da elaboração de subsídios para ações e programas de educação em saúde e saúde preventiva, nortearam o presente trabalho que descreve a população jovem de 16 a 24 anos, residente nas áreas urbanas do Brasil e seus diferenciais para o uso de preservativo, segundo de raça/cor e sexo.

2. METODOLOGIA

2.1.A PESQUISA “Comportamento sexual da população brasileira e percepções do HIV/AIDS”

Os dados que serão apresentados nesse trabalho fazem parte da pesquisa “Comportamento sexual da população brasileira e percepções do HIV/AIDS”, conduzida pela Área de População e Sociedade do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), solicitação da Coordenação Nacional do DST/AIDS do Ministério da Saúde.

A pesquisa “Comportamento sexual da população brasileira e percepções do HIV/AIDS” teve como objetivo geral identificar representações, comportamentos, atitudes e práticas sexuais da população brasileira, e investigar seus conhecimentos sobre HIV/AIDS, com vistas a estabelecer estratégias de intervenções preventivas das DSTS e HIV.

Realizada de dezembro de 1997 a dezembro de 1998, refere-se a um universo composto por indivíduos de ambos os sexos, de 16 a 65 anos, moradores nas áreas urbanas de 169 micro regiões do Brasil, constituindo-se assim, num total de 59.872.819 pessoas, segundo a contagem realizada pelo IBGE em 1996. Vale ressaltar que a população urbana do Brasil pertencente a esta mesma faixa etária era, em 1996, de 77.018.813 pessoas, significando que o processo amostral visou garantir um poder de inferência para 77,7% do universo.

A amostra final foi de 3.600 pessoas, entre 16 e 65 anos, residentes em áreas urbanas. O instrumento de coleta de informações foi um questionário contendo 204 questões, entre fechadas e abertas, cobrindo os seguintes blocos: Identificação pessoal, Opiniões sobre sexualidade e normas sexuais; Iniciação sexual e experiências sexuais; Comportamento sexual; Conhecimento e prevenção do HIV/AIDS; Reprodução e saúde; Uso de drogas.

2.2. A pesquisa e a população negra

A ausência, até o momento, do recorte racial/étnico nas estatísticas oficiais sobre a epidemia do HIV/AIDS sempre dificultou o conhecimento do processo de expansão da epidemia neste segmento populacional. A pesquisa “Comportamento sexual da população brasileira e percepções do HIV/AIDS”, oferece pela primeira vez, no Brasil, a oportunidade de se conhecer e avaliar, para a população negra, a forma como os fatores estruturais, relacionais e individuais, intervêm no conhecimento, nas atitudes, no comportamento e nas práticas sexuais.

Há um ano, um grupo de pesquisadores negros, de diversas áreas do conhecimento, vêm utilizando esse banco de dados da pesquisa acima citada, com o objetivo de analisá-los segundo o recorte racial étnico, no projeto denominado “População negra brasileira frente a HIV/AIDS”, com o objetivo de analisar os dados

gerais da pesquisa, segundo o recorte racial/étnico. Vale salientar que 43,9% da amostra são auto-declarados negros e 51,5% auto-identificados enquanto não negros, sendo desta forma possível estabelecer um contraponto, segundo cor, na análise dos resultados.

2.3. A pesquisa e a população jovem

O presente trabalho olha para os dados relativos aos jovens da amostra, correspondendo a 26% do total da população. Com o objetivo de descrever o perfil dos 14.826 jovens estudados, a população foi dividida em quatro grupos, a saber: jovens brancos, jovens negros; e jovens brancas e jovens negras.

Para cada grupo foi apresentada a distribuição de frequência simples das variáveis: região de moradia, escolaridade, religião, renda do entrevistado, renda familiar per capita, estrato sócio-econômico, atividade econômica, posição na família, estado conjugal, tipo de relação, idade da iniciação sexual e risco individual auto-atribuído em relação à infecção do HIV.

Para identificar os fatores estruturais e comportamentais associados ao uso de preservativo foi utilizado o modelo estatístico log linear ponderado CHAID

O modelo estatístico utilizado no estudo da relação entre as variáveis foi o log linear ponderado CHAID – Chi-squared Automatic Interaction Detector. O CHAID utilizado para classificação de dados categóricos tem como objetivo a geração de segmentos exclusivos e exaustivos, significativamente diferentes em relação à distribuição da variável dependente, segundo valores determinados pelo teste do chi-quadrado. Para cada grupo ou segmento gerado, a associação entre as variáveis é novamente testada pelo chi-quadrado, até que não sejam mais observadas dependências significativas.

O modelo foi aplicado para a análise do uso do preservativo entre os jovens de 16 a 24 anos que relataram vida sexual ativa nos 12 meses anteriores à pesquisa (n = 9.322). As variáveis independentes utilizadas foram: estado conjugal, tipo de família, posição na família, nível de escolaridade, renda individual, religião atual, atividade econômica, região de moradia, critério Brasil de classificação sócio-econômica,

percepção de risco individual, práticas sexuais (oral, anal, vaginal), realização de teste para o HIV, exposição via drogas, número de parceiros.

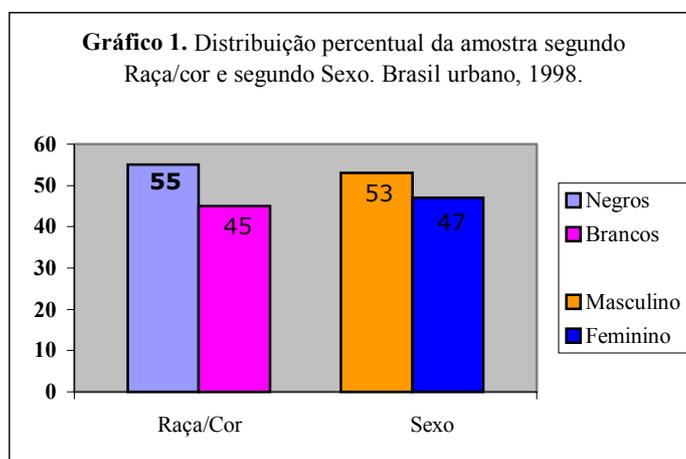
Foram construídas 5 árvores, na primeira raça/cor e sexo integravam o conjunto de variáveis independentes. As demais árvores foram construídas para homens jovens brancos, homens jovens negros, mulheres jovens brancas e mulheres jovens negras.

Os usuários de preservativo foram caracterizados em relação a tipo de relação, idade de iniciação sexual, práticas sexuais, uso de drogas, número de parceiros, realização do teste, percepção de risco individual, segundo sexo e raça/cor.

As frequências simples foram calculadas utilizando o programa SPSS, versão 8.0.

3. DESCRIÇÃO DO PERFIL

Na população de jovens sexualmente ativos, 55% auto-declararam-se negros e 45% brancos. A distribuição da amostra segundo sexo é representada por 53% de jovens de sexo masculino e 47% do sexo feminino.



Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

A tabela 1 mostra a distribuição conjunta dos jovens, segundo sexo e raça/cor: os jovens brancos do sexo masculino representam 29%; os jovens negros 24%; as mulheres brancas, 27% e as negras 20% do total de jovens da amostra.

Tabela 1. Distribuição percentual da amostra por Sexo e Raça/cor . Brasil urbano, 1998.

	TOTALJOVENS 16-24 anos %
Homens brancos	29
Homens negros	24
Mulheres brancas	27
Mulheres negras	20
Total	(100)

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

3.1.Região de Moradia

A maior proporção de jovens encontra-se na região Sul X(55%), especialmente os jovens brancos (75% dos homens e 65% das mulheres). A maior proporção de jovens negros foi encontrada na região Nor Nor (4% dos homens e 49% das mulheres).

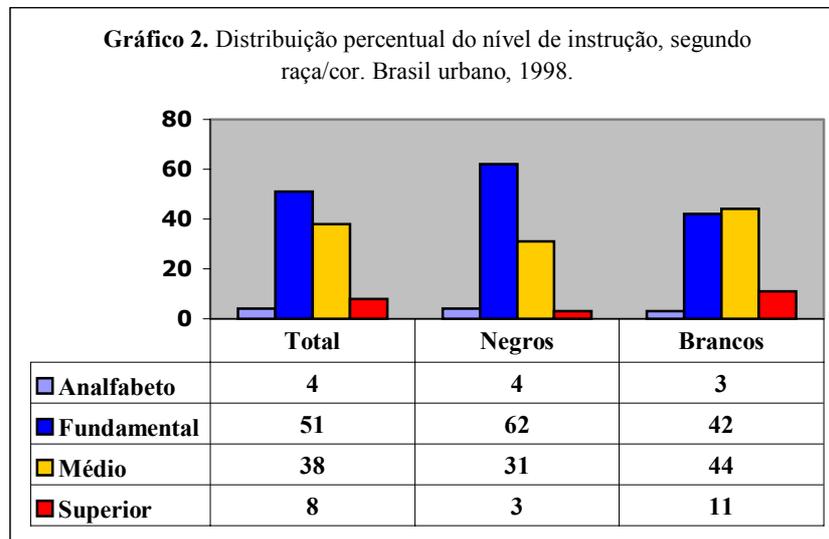
Tabela 2. Distribuição percentual da região de moradia, segundo sexo e raça/cor . Brasil urbano, 1998.

Região de Moradia	TOTAL	HOMENS		MULHERES		TOTAL RAÇA/COR	
	JOVENS %	Negros %	Branco s %	Negras %	Branca s %	Negros %	Branco s %
Centro X	15	19	10	24	13	21	11
Nor Nor	30	41	15	49	21	45	18
Sul X	55	40	75	27	65	34	71
Total	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS – Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

3.2. Escolaridade

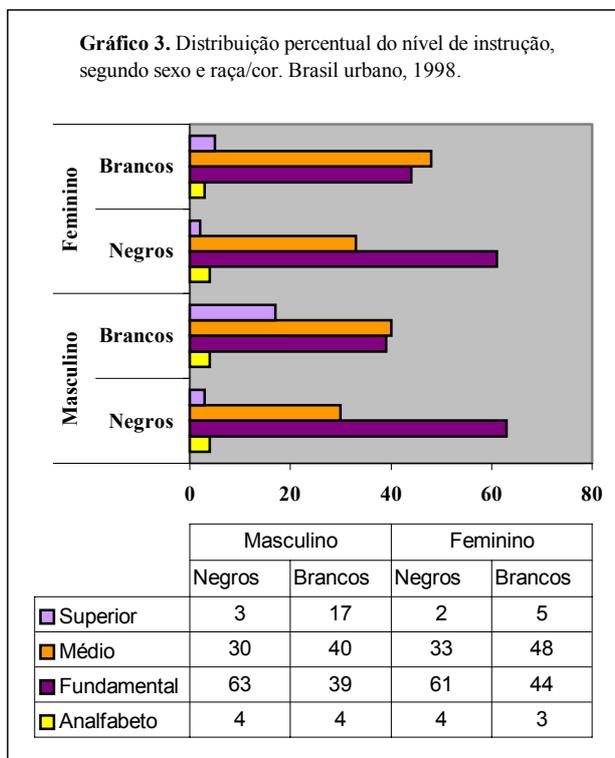
Metade da população de jovens cursou até o ensino fundamental (51%). Entre os negros encontra-se a maior proporção de jovens com nível fundamental (62%), sendo que para os brancos essa proporção é de 42%. Os jovens brancos no ensino superior representam 11%, o que corresponde a praticamente quatro vezes a proporção de negros com essa escolaridade(3%), cf *Gráfico 2*.



Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

A escolaridade analisada segundo raça/cor e sexo dos jovens estudados mostra que o nível educacional tanto de homens quanto de mulheres negros(as) tende a ser mais baixo do que o dos brancos (*Gráfico 3*) Vale destacar a discrepância quanto ao nível

superior, entre homens e mulheres, muito mais freqüente para os homens brancos (17%).



Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

3.3. Religião atual

A grande maioria dos jovens declarou pertencer à religião católica (67%), não havendo praticamente, diferença entre pessoas negras e brancas. O diferencial pôde ser observado em relação ao sexo, em especial para mulheres negras, com a maior filiação católica para as negras(76%). (**Tabela 3**). A segunda religião na preferência dos jovens foi a pentecostal(13%), concentrando-se entre as mulheres brancas(18%). Declaram ser adeptos do protestantismo 5% dos jovens; entre os jovens negros pôde-se observar o maior proporção de membros dessa religião: 8%, sendo que para os brancos essa proporção foi de 3%, sem perder de vista, entretanto, um diferencial significativo de adeptos entre homens ao protestantismo histórico, sendo os negros os que apresentam a maior proporção de filiação (12%). Declaram não pertencer a nenhuma religião, 19% dos homens; sendo que para as mulheres, apenas 4 % delas estavam nesta categoria.

Tabela 3. Distribuição percentual da religião, segundo sexo e raça/cor . Brasil urbano, 1998.

	TOTAL JOVENS %	HOMENS		MULHERES		TOTAL RAÇA/COR	
		Negros %	Branco %	Negras %	Branca %	Negros %	Branco %
RELIGIÃO							
Católica	67	61	62	76	69	68	66
Protestante	5	12	4	4	3	8	3
Pentecostal	13	6	13	14	18	10	15
Espírita	1	1	-	1	1	1	1
Afro-Brasileira	-	-	-	-	1	-	1
Nenhuma religião	12	19	19	4	4	12	12
Outra	2	1	2	2	3	1	2
Total	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

3.4. População Economicamente Ativa

Da população estudada, 56% estavam economicamente ativos, dos quais 37% no mercado informal, 30% inseridos no mercado formal, isto é, com registro em carteira e 26% desempregados. Segundo raça/cor, 65% dos negros e 48% dos brancos desenvolvem alguma atividade econômica, sendo que se pode observar uma maior proporção de negros no trabalho informal (41%). Por outro lado, observa-se que mais brancos do que negros estão no trabalho formal (35%). Quanto ao desemprego, não se observa diferença importante entre os jovens negros e brancos

Na tabela 4 podemos observar ainda, a existência de maior proporção de mulheres brancas desempregadas, sendo que entre os homens, os negros eram os que se encontravam em maior proporção nesta situação (29%).

Dos inativos, (44%), 78% estavam estudando e 21% declaram ser exclusivamente donas de casa, com maior proporção de mulheres negras (41%). Entre as mulheres 70% das brancas e 59% das negras estavam estudando; a quase a totalidade dos homens negros e brancos inativos, desta faixa etária declaram ser estudantes. Estavam aposentados 2% dos homens negros e 1% dos brancos.

Tabela 4. Distribuição percentual da população economicamente ativa, segundo sexo e raça/cor. Brasil urbano, 1998.

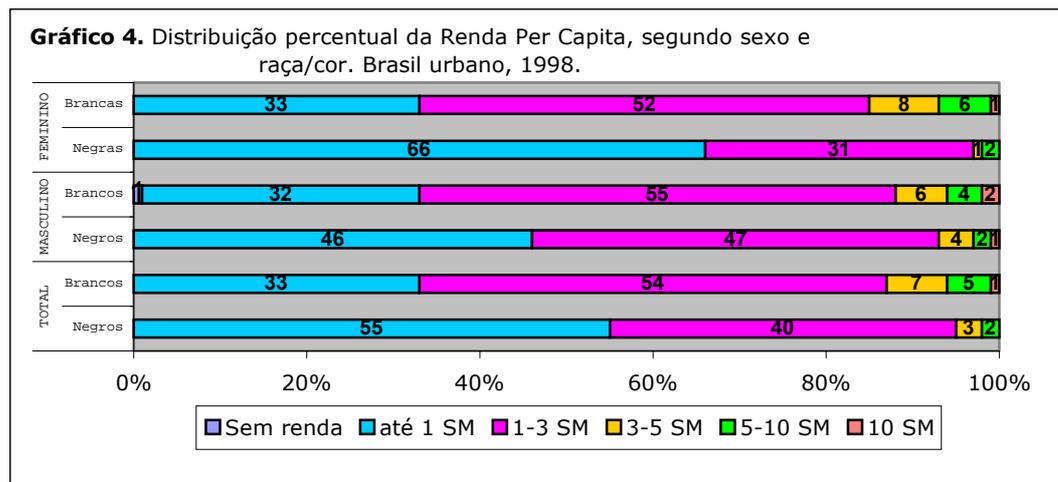
	TOTAL JOVENS %	HOMENS		MULHERES		TOTAL RAÇA/COR	
		Negros %	Branco %	Negras %	Branca %	Negros %	Branco %
Ativos	56	78	62	50	34	65	48
- Formal	30	20	34	34	37	25	35
- Informal	37	48	44	27	14	41	34
- Empregador	2	3	3	1	2	2	3
- Empregada doméstica	4	-	-	20	3	7	1
- Desempregado(a)	26	29	19	17	44	25	28
- Não Remunerado(a)	-	-	-	1	-	1	-
Total	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)
Inativos	44	22	38	50	66	35	52
- Aposentado	1	2	-	-	1	1	1
- Estudante	78	98	100	59	70	73	81
- Dona de casa	21	-	-	41	29	26	18
Total	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde - SPS - CNDST/HIV/AIDS.

3.5. Renda Mensal Per Capita

Predomina entre os jovens a renda mensal per capita até 3 Salários Mínimos-SM (91%). Dos jovens vivendo em famílias com até 1 SM, encontrou-se 55% dos negros e 33 dos brancos.

Os piores rendimentos foram encontrados entre as jovens negras, sendo que 66% das negras ganham até 1 SM, representando o dobro do apresentado pelas jovens brancas. Para as jovens brancas, a maior proporção está na faixa de renda entre 1 e 3 SM. Essa diferença também pode ser observada entre os homens: 46% dos negros e 32% dos brancos estão em famílias com até 1 SM. Para os jovens brancos de ambos os sexos observa-se a maior concentração na faixa entre 1 e 3 SM: 55% para os homens e 52% para as mulheres.



Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

3.6. Renda Mensal individual

Os jovens que estão no mercado formal e informal, 56% encontram-se na faixa de 1 a 3 SM, com maior proporção de mulheres e de negros. Na faixa de renda entre 3 e 5 SM é representada pela maioria de jovens brancos, especialmente os do sexo masculino (23%). A proporção de jovens que, embora inseridos no mercado de trabalho, não têm nenhum rendimento, corresponde a 2%, sendo 4% para as mulheres.

Tabela 5. Distribuição percentual da renda mensal individual, em salários mínimos – SM, segundo sexo e raça/cor. Brasil urbano, 1998.

RENDA MENSAL INDIVIDUAL	TOTAL %	SEXO		RAÇA/COR	
		Masc. %	Fem. %	Negros %	Branco %
Sem renda	2	1	4	-	1
Até 1 SM	23	23	22	22	21
Mais de 1 a 3 SM	56	54	62	69	45
Mais de 3 a 5 SM	13	17	6	6	23
Mais de 5 a 10 SM	5	5	6	3	9
Mais de 10 SM	-	-	-	-	1
Renda individual média	1,98	2,02	1,89	2,19	1,90
Total ¹	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)

¹ Total de jovens economicamente ativos, inseridos no mercado formal e informal.

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

3.7. Posição na Família

Em relação à posição que os jovens na família, 67% são filhos e 19% são chefes ou cônjuges. Observa-se maior proporção de negros que nessa faixa etária já estão chefiando famílias, seja a família de origem ou em uma nova família 6% dos negros e 3% dos brancos. Para os homens negros a proporção dos chefes de família é quase três vezes maior do que para os brancos. Entre as mulheres pode ser observada a maior proporção de brancas na condição de cônjuge (22%), do que de jovens negras (15%).

Tabela 6. Distribuição percentual da posição na família, segundo sexo e raça/cor . Brasil urbano, 1998.

	TOTAL	HOMENS		MULHERES		TOTAL RAÇA/COR	
	JOVENS %	Negros %	Branco %	Negras %	Branco %	Negros %	Branco %
POSIÇÃO NA FAMÍLIA							
Chefe	10	23	9	6	3	15	6
Cônjuge	9	-	-	15	22	7	11
Filho	67	63	83	57	62	61	73
Outros	13	14	8	21	13	17	10
Total	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

3.8. Estado Conjugal

A grande maioria dos jovens estava solteira (80%). Entre os homens negros, eles representam 83% e entre os brancos 94%. Para as mulheres, 73% das negras e 70% das brancas nessa faixa etária estavam casadas. A tabela 7 demonstra que mais mulheres dessa faixa etária estão unidas em relação aos homens. Entre os jovens, os negros unidos representam 16% e os brancos apenas 6% deles encontram-se em união.

Tabela 7. Distribuição percentual do estado conjugal, segundo sexo e raça/cor . Brasil urbano, 1998.

	TOTAL JOVENS %	HOMENS		MULHERES		TOTAL RAÇA/COR	
		Negros %	Branco s %	Negras %	Branca s %	Negros %	Branco s %
ESTADO CONJUGAL							
Solteiro(a)	80	83	94	73	70	78	82
Casado/Unido(a)	19	16	6	27	29	21	17
Viúvo/Desqu/ Divorciado	1	1	-	-	1	1	1
Total	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

3.9. Vida Sexual

Os jovens sexualmente ativos correspondem a 63% do total. Analisada a atividade sexual, segundo a cor e sexo, observou-se maior proporção entre os brancos, ou seja, 66% e, principalmente entre os homens(72%). As mulheres brancas nesta faixa etária, também apresentam a maior proporção das que possuem vida sexual ativa.

Tabela 8. Distribuição dos jovens sexualmente ativos, segundo sexo e raça/cor . Brasil urbano, 1998.

SEXUAL- MENTE ATIVOS	TOTAL JOVENS %	HOMENS		MULHERES		TOTAL RAÇA/COR	
		Negros %	Branco s %	Negras %	Branca s %	Negros %	Branco s %
Sim	63	67	72	49	59	59	66
Não	37	33	28	51	41	41	34
Total	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

3.9. Síntese

Em suma, o perfil dos quatro grupos estudados pode ser resumido da seguinte forma:

Homens negros – mais presentes nas regiões NOR NOR; a maioria dos jovens negros apresenta escolaridade máxima correspondente ao ensino fundamental e está filiada à religião católica. Prioritariamente solteiros e, em grande parte, sexualmente

ativos, eles ocupam a posição de filho em famílias com renda mensal per capita igual ou inferior a 3 SM. No mercado de trabalho destaca-se sua inserção em ocupações informais.

Homens brancos – presentes, sobretudo, na região SULX, os homens brancos jovens, em sua maioria católica, apresentam maior nível de escolaridade que os negros. Inseridos em menor proporção no mercado de trabalho, eles relatam com maior frequência, possuírem vínculo empregatício. Prioritariamente solteiros e ativos sexualmente apresentam-se como filhos de famílias cuja renda mensal per capita embora baixa é, em média, superior à das famílias dos jovens negros.

Mulheres negras – mais presentes na região NOR NOR, as mulheres negras estão filiadas, sobretudo, à religião católica e possuem nível de escolaridade igual ou inferior ao ensino fundamental. São, em boa parte, filhas, agregadas ou cônjuges (em proporção decrescente) de famílias cuja renda mensal per capita gira em torno 1SM. Muitas são donas de casa e, quando inseridas no mercado de trabalho, as ocupações formais são mais frequentes que as informais.

Mulheres brancas – mais presentes na região SULX, as mulheres jovens brancas possuem nível de escolaridade maior que àquele descrito entre as mulheres negras dado que neste grupo cerca da metade tem ensino médio. Prioritariamente, católicas, mais da metade das jovens brancas pertencem a famílias com renda mensal per capita entre 3 e 5 SM. Inseridas no mercado de trabalho com menor frequência elas são, sobretudo, estudantes. . Em maior proporção do que as negras elas relatam ter vida sexual ativa.

4. USO DE PRESERVATIVO (UP) ENTRE JOVENS SEXUALMENTE ATIVOS

De acordo com o objeto já definido, no que segue, consideramos o UP entre os jovens de 16 a 24 anos e seus determinantes. Para tanto, a abordagem levará em conta os quatro segmentos de jovens sexualmente ativos, conforme *Tabela 9*.

Tabela 9. Distribuição percentual dos jovens usuários de preservativos, por Sexo e Raça/cor . Brasil urbano, 1998.

	TOTAL JOVENS 16-24 anos %
Homens brancos	33
Homens negros	26
Mulheres brancas	25
Mulheres negras	16
Total	(100)

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

Na tabela 10 pode-se observar que da população de jovens sexualmente ativos, 46% declararam UP, contrastando com o grupo com mais de 25 anos, para o qual o uso foi de 18%. Analisando-se o UP para os quatro segmentos estudados, observa-se que entre os homens não há diferença quanto à cor. De fato, o UP foi de 53% para brancos e 52% para negros. Já para as mulheres os dados indicam maior poder de negociação entre as brancas, com uso de 42%.

Tabela 10. Uso de preservativo, segundo idade e sexo e cor . Brasil urbano, 1998.

USO DE PRESERVATIVO	Jovens 16/24 %	> 25 anos %	HOMENS		MULHERES	
			Negros %	Brancos %	Negras %	Brancas %
Usa	46	18	52	53	28	42
Não Usa	54	82	48	47	72	58
Total	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

4.1. Modelo CHAID

Das variáveis independentes utilizadas no modelo CHAID (estado conjugal, tipo de família, posição na família, nível de escolaridade, renda individual, religião atual, atividade econômica, região de moradia, critério Brasil de classificação sócio-econômica), o estado conjugal foi o 1º. preditor para o UP, ou seja, um maior uso entre os não unidos (56%) contra 15% para os unidos. O grupo de não unidos foram divididos em classes sociais (critério Brasil), com 66% de uso na classe D contra 49% nas classes A, B e C. Este último subgrupo ainda foi dividido segundo renda individual do jovem entrevistado com maior proporção de uso (65%) para aqueles com até 1SM.

Para os jovens unidos, o modelo permitiu ainda uma subdivisão segundo escolaridade. A maior proporção de uso coube ao grupo com, no mínimo, ensino fundamental completo (35%).

O principal preditor para o uso de preservativo, tanto para brancos como para negros foi a variável estrutural estado conjugal. Para os brancos solteiros, a proporção de uso é 60% e, para os negros solteiros, 50%. Para os jovens negros, além do estado conjugal, a escolaridade aparece como segundo preditor para maior adesão ao uso de preservativo, correspondendo à baixa escolaridade (até fundamental incompleto).

Ao analisar o modelo, separadamente, para os quatro segmentos verificou-se que para as mulheres, independente da cor, não houve nenhum preditor significativo. Para os homens negros, a única variável preditora foi a utilizada para verificar a posição que os jovens ocupam na família (Posfam), ou seja, de um lado, os filhos com 66% de uso e de outro, o chefe com 37%. No que se refere aos homens brancos, a prática sexual, em especial a oral, foi a única preditora. Quem não pratica sexo oral, usa mais preservativo (73%).

4.2. Sobre o perfil dos usuários de preservativo

Estado conjugal

Conforme pudemos constatar, através do modelo estudado acima, a maior proporção de usuários de preservativos está entre os solteiros. Em relação à raça/cor, tanto para os homens como para as mulheres, não foi observada diferença de UP – 57% dos solteiros (as). Entre a população negra é que podemos notar diferenças significativas: 66% Dos homens negros solteiros usam preservativo e apenas 45% das mulheres negras solteiras. Entre os homens unidos, negros e brancos, foram encontrados praticamente os mesmos valores para o UP, inferior ao relatado pelas mulheres casadas/unidas: 25% das brancas e 13% das negras. Vale salientar que, para as mulheres unidas, as negras usam menos preservativo do que as brancas casadas. O maior UPs entre as mulheres casadas pode ter maior relação direta contra a contracepção.

Tabela 11. Distribuição percentual do estado conjugal, segundo uso de preservativo, por sexo e raça/cor. Brasil urbano, 1998.

USO DE PRESERVATIVO	HOMENS				MULHERES				Total%
	Negros %		Branco %		Negras %		Brancas %		
	USA	N Usa	USA	N Usa	USA	N Usa	USA	N Usa	
Solteiro(a)	66	34	57	43	45	55	57	43	(100)
Casado(a)/Unido(a)	9	91	10	90	13	87	25	75	(100)
Desquitado(a)/Separado(a)	-	-	-	100	100	-	42	58	(100)

Tipo de relação

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

Entre os homens negros, 50% usaram preservativo nas relações estáveis e eventuais. Chama a atenção a baixa adesão ao UP das mulheres jovens que mantêm parcerias estáveis e eventuais, especialmente, entre as mulheres negras (13%). O maior UP entre as mulheres jovens foi declarado para aquelas que se encontravam em parceria exclusivamente estável, sendo 87% para as negras e 76% para as brancas. Vale ressaltar ainda, o baixo UP entre os homens brancos (37%).

Tabela 12. Distribuição percentual dos UPs, segundo tipo de relação, por sexo e raça/cor. Brasil urbano, 1998.

Tipo de relação	TOTAL JOVENS %	HOMENS		MULHERES		TOTAL RAÇA/COR	
		Negros %	Branco %	Negras %	Brancas %	Negros %	Branco %
Estável	55	50	37	87	76	59	52
Estável e Eventual	45	50	63	13	24	41	48
Total	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

Iniciação Sexual de Jovens

Conforme apontado por vários estudos, na presente pesquisa também foram encontrados dados que corroboram com a afirmação de que os jovens estão iniciando a vida sexual cada vez mais cedo. Esta tendência é marcante quando observado o início da vida sexual entre os grupos etários: dos jovens na faixa etária de 16 a 19 anos, 38% iniciaram a vida sexual antes dos 14 anos e 25% dos jovens entre 20 e 24 anos tiveram o

início da vida sexual antes dos 14 anos. Para o total da amostra, apenas 19% iniciaram a vida sexual antes dos 14 anos.

O início da vida sexual antes dos 14 anos foi de 30% entre os jovens. Do total de jovens que iniciaram a vida sexual antes dos 14 anos, 48% usam preservativo atualmente, proporção muito similar aos 46% de uso daqueles que iniciaram a vida sexual entre 15 e 19 anos. De fato, para os que se iniciaram sexualmente, entre 20 e 24 anos, a proporção de UP, cai para 40%, conforme *Tabela 13*.

Tabela 13. Idade da Iniciação sexual, segundo idade atual e uso de preservativo. Brasil urbano, 1998.

Idade da iniciação sexual	TOTAL AMOSTRA %	TOTAL Jovens %	JOVENS		Uso de Preservativo		Linha %
			16-19 %	20-24 %	Usa %	N Usa %	
< de 14	19	30	38	25	48	52	(100)
15 a 19	59	64	63	64	46	54	(100)
20 a 24	16	6	-	11	40	60	(100)
25 a 35	6	-	-	-			
Total	(100)	(100)	100	(100)			

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS. Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

Práticas Sexuais

Dos usuários de preservativo, 22% dos jovens praticam sexo anal, sendo a maior proporção entre os jovens brancos (27%). Entre as mulheres, não se observa diferença significativa, no entanto, entre os homens, é possível observar que os homens negros são os que menos praticam sexo anal. Chama a atenção ainda, a proporção de negros que praticam sexo oral (49%), sendo que para os jovens brancos este percentual é de 34%. Entre as mulheres, são as negras usuárias de preservativos, as que mais praticam sexo oral.

Tabela 14. Distribuição percentual dos UPs, segundo práticas sexuais, por sexo e raça/cor. Brasil urbano, 1998.

Práticas sexuais (Respostas Múltiplas)	TOTAL JOVENS %	HOMENS		MULHERES		TOTAL RAÇA/COR	
		Negros %	Branco %	Negras %	Branca %	Negros %	Branco %
Vaginal	100	100	100	100	100	100	100
Anal	22	19	27	23	20	20	24
Oral	43	51	48	43	24	49	34

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

Uso de drogas

São usuários de preservativo, apenas 8% dos que declaram uso de drogas, com maior proporção de negros (15%). Para esta variável, chama atenção a menor proporção de usuários de preservativo entre os jovens brancos, de ambos os sexos que usam drogas (3%), sendo que para as mulheres brancas, não foi encontrada nenhuma UP entre as usuárias de drogas.

Tabela 15. Distribuição percentual dos UPs, segundo uso de drogas, por sexo e raça/cor. Brasil urbano, 1998.

Uso de drogas	TOTAL JOVENS %	HOMENS		MULHERES		TOTAL RAÇA/COR	
		Negros %	Branco %	Negras %	Branca %	Negros %	Branco %
Sim	8	15	5	17	0	15	3
Não	92	85	95	83	100	85	97
Total	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

Número de parceiros

Dos jovens sexualmente ativos, usuários de preservativo, tiveram relações sexuais, com um único parceiro (a), 52% e, com 2 ou mais parceiros (as), 48%. Apesar do grande número de jovens que mantiveram relações apenas com um parceiro, no ano anterior à pesquisa, chama atenção a baixa proporção de usuários preservativo entre aqueles que tiveram relação sexual com dois parceiros, especialmente entre os negros (10%), com destaque para as mulheres (17%). Os jovens brancos de ambos os sexos

foram os que declaram maior UP, quando relatam relações sexuais com dois parceiros, ou seja, 34%.

Tabela 16. Distribuição percentual dos UPs, segundo número de parceiros, por sexo e raça/cor. Brasil urbano, 1998.

Número de parceiros	TOTAL JOVENS %	HOMENS		MULHERES		TOTAL RAÇA/COR	
		Negros %	Branco %	Negras %	Branca %	Negros %	Branco %
1 pessoa	52	51	39	85	68	58	48
	24	11	38	7	24	10	34
2 pessoas	8	18	3	8	-	16	2
	8	7	9	-	8	6	9
3 pessoas	8	12	10	-	-	10	7
Mais de 3 a 5 pessoas							
Mais de 5 pessoas							
Ninguém							
Total	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

Teste para o HIV

Dos jovens usuários de preservativo, 21% já fizeram o teste para o HIV. Os homens brancos destacam-se com a maior proporção de UP (31%). Entre os negros observa-se um baixo UP (14%), sobretudo entre as mulheres negras (7%).

Tabela 17. Distribuição percentual dos UPs, segundo teste para o HIV, por sexo e raça/cor. Brasil urbano, 1998.

Fez teste	TOTAL JOVENS %	HOMENS		MULHERES		TOTAL RAÇA/COR	
		Negros %	Branco %	Negras %	Branca %	Negros %	Branco %
Sim	21	17	31	7	16	14	25
Não	79	83	69	93	84	86	75
Total	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

Percepção de risco

Analisando os UPs, segundo a percepção de risco, observou-se que a baixa ou nenhuma percepção de risco, tanto para homens quanto para mulheres, parece estar associada ao uso de preservativo, com maior proporção para os brancos (52%). Entre os negros, apesar da menor proporção de UP para os que se percebem em baixo risco (39%), 46% das mulheres negras são usuárias de preservativos, contra 36% dos jovens negros. Entre as jovens brancas e os homens negros é que foram encontrados os maiores percentuais de UP para aqueles que se percebem em médio ou alto risco

Tabela 18. Distribuição percentual dos UPs por percepção de risco, segundo sexo e raça/cor. Brasil urbano, 1998.

Percepção de risco	TOTAL JOVENS %	HOMENS		MULHERES		TOTAL RAÇA/COR	
		Negros %	Branco %	Negras %	Branca %	Negros %	Branco %
Nenhuma	30	36	34	32	18	35	28
Baixa	47	36	52	46	52	39	52
Média/Alta	23	28	14	22	30	26	20
Total	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)

Fonte: Pesquisa sobre Comportamento Sexual e Percepções da População Brasileira sobre HIV/AIDS - Ministério da Saúde – SPS – CNDST/HIV/AIDS.

5. CONSIDERAÇÕES

Mesmo considerando o maior acesso dos jovens à informação e, às mudanças dos padrões culturais que incidem diretamente em mudanças comportamentais, sobretudo, na vida afetiva sexual, o impacto do início da vida sexual precoce, o uso inconsistente de preservativos, os altos índices de gravidezes indesejadas, têm sido fator de preocupação de vários setores da sociedade. As discussões sobre o tema surgem num contexto complexo em que ora, visam a manutenção de medidas normativas que atendam aos comportamentos sexuais socialmente aceitos, ora ponderadas pela constatação dos reais impactos que tais eventos acabam tendo no desenvolvimento psico-social dos jovens.

No estudo atual, pode-se observar que do total do segmento sexualmente ativo, apenas 24% usaram preservativos nas suas relações sexuais. Para os jovens de 16 a 24 anos, de ambos os sexos, este percentual sobe para 46%.

Analisado segundo variáveis estruturais e comportamentais encontrou-se relação entre o UP, estado conjugal, escolaridade, raça/cor. Os jovens negros usam menos preservativo que os brancos, o que pode ser observado ao analisar a relação do UP, em praticamente todas as variáveis estudadas, sendo que para as jovens negras é onde se observa a menor proporção de usuárias de preservativos.

A maior adesão ao uso de preservativo está associada ao estado conjugal, sendo observada a maior proporção de uso entre os (as) não unidos (as), com ensino fundamental completo, de classe “D”, com renda individual de até um SM. Entre os (as) jovens unidos (as), o maior UP foi encontrado entre os (as) jovens com ensino fundamental completo.

A baixa ou nenhuma percepção de risco, também apareceu como fator associado à maior adesão ao uso de preservativo. Perceber-se em baixo ou nenhum risco individual, através das relações sexuais para os jovens e adolescentes, parece estar associado com o uso de preservativo.

O uso de preservativo analisado, segundo raça/cor, encontrou maior adesão dos (as) brancos (as) e negros (as) não unidos (as), sendo que para os (as) negros(as), ainda foi encontrada associação ao ensino fundamental incompleto.

Mulheres negras: Metade dos membros deste grupo tem vida sexual ativa, contudo, poucas relataram prática de sexo seguro. Do total de jovens sexualmente ativas, as mulheres negras que usam preservativos representam apenas 16%.

Mulheres brancas: mantém vida sexual em maior proporção do que as negras, com parceiros usuários de preservativo e assumem a posição de cônjuges em maior medida.

Homens negros: o principal preditor para o UP foi a posição na família enquanto filhos, sendo que o uso cai pela metade, quando os jovens estão na posição de chefes, possivelmente já unidos.

Homens Brancos: maior proporção de jovens brancos sexualmente ativos (33%), com uso mais acentuado de preservativo, sobretudo para os que praticam sexo oral, com exceção daqueles que mantém relações com mais de um parceiro e referem usar drogas.

Um dos grandes desafios para conter o avanço da epidemia de Aids é hoje, ter como enfoque o desenvolvimento de estratégias que leve em consideração o fato de que a adoção de práticas individuais mais seguras nas relações sexuais estão intimamente relacionadas a fatores estruturais. O desenvolvimento de programas de prevenção e assistência na área da saúde deve considerar as desigualdades estruturais, visando promover o acesso às populações carentes a recursos sociais como trabalho, educação e geração de renda.

A um desafio global é necessário oferecer uma resposta integral: políticas que os encoraje a avaliar os riscos em suas práticas, a desenvolver a capacidade de tomar suas próprias decisões, a planejar seus projetos, a participar de forma ativa da vida da sua comunidade, a ocupar o tempo livre com alternativas sensíveis culturalmente; políticas que permitam aos jovens conciliar a vida profissional com a trajetória educacional e saber como buscar os apoios necessários no exercício de seus direitos.

Usando como referencial o conceito de vulnerabilidade, os programas educativos, na área de saúde e educação, devem descolar-se de ações de caráter exclusivamente informativos, buscando promover a emancipação de de jovens, tendo como enfoque a forma como fatores econômicos, sócio/culturais, relações desiguais de raça, classe e gênero são determinantes no processo saúde-doença-cuidado.

É de extrema importância para o desenvolvimento de ações preventivas, junto à população jovem sexualmente ativa, considerar que estão mais vulneráveis os unidos e os solteiros em relações eventuais, ou estáveis e eventuais, aqueles com maior escolaridade e pertencentes aos estratos sócio-econômicos mais altos, especialmente, mulheres e negros.

REFERÊNCIAS

Ayres JRCM, Calazans G, França Jr I. Vulnerabilidade do adolescente ao HIV/AIDS. In: Viera E, Fernandes M, Bailey P e McKay A (orgs). **Seminário Gravidez na Adolescência**. Rio de Janeiro: Associação de Saúde da Família.

_____. Vulnerabilidade dos jovens ao HIV/AIDS: a escola e a construção de uma resposta social. In: Silva LH (org). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.pp.413-423.

_____ Educação Preventiva e Vulnerabilidade às DST's/Aids e Abuso de Drogas entre Escolares: como avaliar a intervenção, in O Papel da Educação na Ação Preventiva, ao abuso Drogas e às DST's. Tozzi, ^a Denival e Santos, Leal Nivaldo dos (ccord.). São Paulo: **FDE - Diretoria de Projetos Especiais/** Direção Técnica, 1996.

[BENFAM] – Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil. Adolescentes, jovens e a pesquisa nacional sobre demografia e saúde: um estudo sobre fecundidade, comportamento sexual e saúde reprodutiva. Rio de Janeiro: CDCP, 1999.

Castro et alli. Cultivando a vida e desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer e cidadania com jovens em situação de pobreza. **UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellog, Banco Interamericano de Desenvolvimento**, 2001

Dimenstein, G. In: O aprendiz do futuro, São Paulo. **Ática**, 1997.

Gomes da Costa, Antonio Carlos. Protagonismo Juvenil. Adolescência educação e participação democrática. Salvador, **Fundação Odebrecht**, 2000

[IBGE] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Indicadores Sociais Mínimos. In: **Censo 2000**, disponível em <URL: <http://www.ibge.gov.br/ibge/estatistica/populacao/condicaoadevida/indicadoresminimos> [2001 Jan 24].

[MS] Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico AIDS, Ano XV, nº 1, julho a setembro de 2001.

_____. Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/AIDS. **Série avaliação número 4**. Brasília: MS, 2000.

– Além do Cairo e Beijing: Fortalecendo as organizações de mulheres no Brasil. Brasília, DF, Brasil: **Agende Ações em Gênero Cidadania e Desenvolvimento**, 1999.

Madeira, FR. Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre a criança e adolescentes pobres do Brasil. Rio de Janeiro: **Rosa dos Tempos e UNICEF**, 1997.

MERCH n - Hamann, Edgar. - Grau de Informação, Atitudes e Representações Sobre o Risco e a Prevenção de AIDS em Adolescentes Pobres do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro; **Cadernos de Saúde Pública**; 11(3) : 463 -78, 1995.

Perpétuo, I.H.O. Raça e Acesso às Ações Prioritárias na Agenda de Saúde Reprodutiva. **Jornal da RedeSaúde** 2000, 22(novembro).

Pinho, MDG. Aspectos da vulnerabilidade da epidemia de AIDS - vulnerabilidade entre a população negra - **Anais do Seminário Relações Raciais no Mercado de Trabalho**, de 11 a 13 de março, PUC –MG, Belo Horizonte, MG, 1998;

_____ Advocacy e Direitos Reprodutivos E Sexuais - Workshops Nacionais AGENDE – Ações em Gênero e Desenvolvimento. **Cidadania e Direitos Reprodutivos**, 1999.

Seixas A. Abuso sexual na adolescência. In: Schor N, Mota M, Castelo Branco V (orgs). **Cadernos: juventude, saúde e desenvolvimento**. 1999. v.1, Brasília: Ministério da Saúde.

Szwarewald CL, Castilho EA, Barbosa Jr A, Gomes MRO, Costa EAMM, Carvalho RFM, Oliveira SR e Chequer P. Comportamento de risco dos conscritos do exército brasileiro, 1998: uma apreciação da infecção pelo HIV segundo diferenciais sócio-econômicos. **Cadernos de Saúde Pública** 16 (supl 1): 113-128; 2000.